

Atender aos gêneros literários

Neste contexto, é preciso ter em conta os "gêneros literários" (históricos, proféticos, poéticos, etc).

Trata-se de perceber "o sentido que o autor sagrado, em determinadas circunstâncias, segundo as condições do seu tempo e cultura, exprimiu, servindo-se dos gêneros literários então usados".

Importante conhecer "os modos próprios de sentir, dizer ou narrar em uso no tempo do autor sagrado, assim como os que se costumavam usar nas relações entre as pessoas, nessa época" (DV 12).

Para uma correta interpretação da Sagrada Escritura (DV 12):

- a) Deve ser lida e interpretada no mesmo espírito em que foi escrita;
- b) Atender ao contexto, assim como à unidade de todas as Escrituras;
- c) Ter em conta "a tradição viva de toda a Igreja" ("sensus fidei" e "analogia da fé");
- d) Cristo, a Palavra de Deus e o Evangelho, que ele viveu e anunciou, são-critério definitivo;
- e) Escrituras foram confiadas à Igreja; na sua interpretação, ter presente o Magistério (Concílios, Sínodos, Papa, Bispos).

Para reflexão pessoal ou eventual partilha em grupo:

1. Que questões me suscita o que foi dito: há aspetos obscuros ou controversos?
2. Há passagens da Sagrada Escritura que me parecem incompreensíveis ou inaceitáveis : Quais? Porquê?
3. Já fui interpelado e posto em dificuldade por alegados "erros da Bíblia"? Quais?



Escola da Fé - 2017/18
V Encontro – 09.Fev.2018



A inspiração divina das Escrituras
e a sua interpretação

Deus fala ao seu Povo. Palavra viva

“... quando na Igreja se lê a Sagrada Escritura, é o próprio Deus que fala ao seu povo. Na Liturgia da Palavra, as páginas da Bíblia deixam de ser um escrito para se tornarem palavra viva pronunciada pelo próprio Deus, que aqui e agora nos interpela a nós que escutamos com fé.

O Espírito, que falou por meio dos profetas e inspirou os autores sagrados, faz com que a palavra de Deus realize verdadeiramente nos corações aquilo que faz ressoar aos ouvidos. Por isso, não basta escutar com os ouvidos; é preciso acolher no coração a semente da palavra divina, para que dê fruto.”

(Papa Francisco, 31 janeiro 2018)

Palavra de Deus, divinamente inspirada

“Palavra do Senhor”, “Palavra da salvação” – proclamamos nós depois das Leituras das celebrações litúrgicas. Como diz o Papa, “quando na Igreja se lê a Sagrada Escritura, é o próprio Deus que fala ao seu povo”. As páginas da Bíblia tornam-se “palavra viva pronunciada pelo próprio Deus”. Em ação está “o Espírito, que falou por meio dos profetas [como dizemos no Credo] e que inspirou os autores sagrados”. A Bíblia é, para nós, Palavra de Deus, divinamente inspirada.

A questão é entender corretamente o que é “a inspiração divina das Escrituras” a que o Vaticano II dedicou o III capítulo da Constituição sobre a Revelação divina, “*Dei verbum*” (*Palavra de Deus*).

Por um lado, há que sublinhar que Deus nos fala através das Escrituras, que justamente chamamos “sagradas” e consideramos “inspiradas”. É uma certeza da nossa fé: Deus vem ao nosso encontro, Deus falou-nos e fala-nos.

É nesta perspectiva que devemos encarar a história do Povo de Deus e da Igreja, assim como o próprio mistério de Cristo. Trata-se do mistério da encarnação: Deus que se faz homem em Jesus Cristo, a Palavra de Deus. Este mistério já se manifestava na Criação e na história de Israel.

Natureza da inspiração e verdade da Sagrada Escritura

O documento conciliar recorda que “as coisas reveladas por Deus, contidas e manifestadas na Sagrada Escritura, foram escritas por inspiração do Espírito Santo” (DV 11) e põe como subtítulo “natureza da inspiração e verdade da Sagrada Escritura”.

A questão da inspiração está ligada à “verdade” dos textos bíblicos. Acreditamos que a Bíblia não mente, não engana.

O problema é ver o que é os “autores sagrados” afirmam, o que realmente nos ensinam, da parte de Deus, para nossa salvação.

“Os livros da Escritura ensinam com certeza, fielmente e sem erro a verdade que Deus, para nossa salvação, quis que fosse consignada nas sagradas Letras.” Nesse sentido, o Concílio anota que “quanto afirmam os autores inspirados ou hagiógrafos [*autores sagrados*] deve ser tido como ensinado pelo Espírito Santo” (DV 11).

“Toda a Escritura é inspirada por Deus e adequada para ensinar, corrigir e instruir na justiça: para que o homem de Deus seja perfeito” (2 Tim 3, 7-17).

Autores não foram instrumentos passivos

Dito isto, não podemos considerar os escritores sagrados como meros instrumentos passivos de quem fosse compulsivamente levado a escrever o que Deus lhes ditava. Seria uma visão distorcida e caricatural da realidade, da relação entre o Espírito de Deus e as pessoas por ele iluminadas e movidas.

Como diz o Concílio, “Deus escolheu e serviu-se de pessoas na posse das suas faculdades e capacidades”, “como verdadeiros autores” (DV 11). “Deus, na Sagrada Escritura, falou por meio dos homens e à maneira humana”.

Para interpretar corretamente a Bíblia, há que investigar “o que os autores sagrados realmente quiseram significar e que aprouve a Deus manifestar por meio das suas palavras” (DV 12)